

# Sombras do Valle

POR

A. MALHEIRO



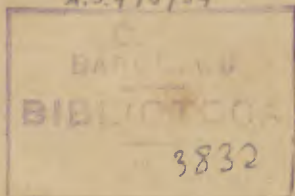
34.3-1Malheirc





# SOMBRAS DO VALLE

R. S. 415/54



THE HISTORY OF THE

REIGN OF KING CHARLES THE FIRST

# SOMBRAS DO VALLE

POR

A. MALHEIRO

---

**BARCELLOS.**

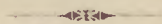
1873

*Barcellos*  
*A. 3. 1/5/54 Perm.*  
C. M.  
BARCELLOS  
BIBLIOTECA  
3832

SOBRE O TITULO

IN ORO  
A MATHIRO

TYP. DA AURORA DO CAVADO



E. R. V.

1731

# INDICE

Noite . . . . .	1
Contemplação . . . . .	6
Delirio . . . . .	9
Devaneio . . . . .	11

Depois d'um baile . . . . .	43
Visão e sonho . . . . .	45
Flor! . . . . .	24
Maria . . . . .	26
Ao luar . . . . .	29
Um só . . . . .	31
<i>Como és bella!</i> . . . . .	33
Eccos . . . . .	35
O ramo . . . . .	39
Adeus . . . . .	43
Olhar . . . . .	48
Rosas d'amor . . . . .	50
Manhã . . . . .	52
A trança . . . . .	56
Sempre... . . . .	59
Canto do aldeão . . . . .	61
Anhelo . . . . .	65
Luz d'alma . . . . .	69



Procella . . . . .	70
Saudade . . . . .	72
À margem do Cavado . . . . .	75
Deslumbramento . . . . .	85
Enlevo . . . . .	88
A lua . . . . .	93
<i>Dá-me o thesouro</i> . . . . .	95
Brado . . . . .	99
Teus olhos . . . . .	101
A * * * . . . . .	103
Sonho . . . . .	105
O teu cravo . . . . .	108
Enleio . . . . .	112
No val . . . . .	118
Thereza . . . . .	119
Primavera . . . . .	121
Amor . . . . .	125
<i>As lettras que escreves</i> . . . . .	127

Se choras . . . . .	130
No campo . . . . .	132
Fabula . . . . .	135
Ella . . . . .	140
Sombras . . . . .	144
<i>Arquiva bem na memoria</i> . . . . .	150
A rosa . . . . .	153
Lamento . . . . .	158
Alva . . . . .	160
Olhar . . . . .	166
Soneto— <i>São perolas teus dentes....</i>	168
Adeus . . . . .	170
Suspiro . . . . .	172
Recordação . . . . .	174
Receio . . . . .	180
Dedicação . . . . .	182
Rosas . . . . .	185
Paixão . . . . .	191

# SOMBRAS DO VALLE

---

## NOITE

Oh céu de saphira !  
Outorga-me á lyra,  
Que branda suspira,  
Um hymno d'amor !  
Amena meus cantos,  
Atalia meus prantos,  
Depara-me encantos  
Do teu resplendor !

Que noite! Saudosa,  
De luz ubertosa  
A Délia formosa  
Campea no céu;  
Reflete na penha,  
Que na agoa se embrenha,  
A luz que despenha,  
O languido véu.

O zèphyro geme  
No freixo, que treme,  
Vagando sem leme  
Do val na expansão:  
De plaino em collina  
Namora a bonina,  
Que á luz argentina  
Dilata o botão.

Noitívagas aves  
As auras suaves

Seus canticos graves  
Consagram além.  
O mocho, qual fera  
Que os mortos venera,  
Das campas a hera  
Festeja tambem !

Por entre verdura  
Torrente mui pura  
Serpea e murmura,  
Banhando em crystal  
A felpa relvosa,  
O lyrio e a rosa  
Da serra saudosa,  
Do flórido val.

O monte negreja,  
O prado viceja,  
A rosa espaneja  
Seu calix d'amor ;

A vaga scentilla,  
A sombra vacilla,  
E a nuvem estilla  
Sereno licor.

A fonte celeste  
Borrifa, e já veste  
De perlas o agreste,  
Purpureo matiz :  
Aligera briza,  
Vagando indecisa,  
Após as desliza,  
Varrendo o tapiz.

Que enlevo ! A tristura  
Da noite é doçura,  
Mudez que fulgura,  
Que falla na dor !  
Bem hajas, oh noite !  
Teu manto se afoite ;

Que brando me acoite  
Em horas d'amor!

No céu estrellado,  
No monte calado  
Parece que um brado  
Exhala a mudez :  
Jehovah ! é o grito,  
Que estala o granito,  
Que o mundo finito  
Tremem todo fez !

Oh céu de saphira,  
Outorga-me á lyra,  
Que branda suspira,  
Um hymno d'amor !  
Amena meus cantos,  
Atalha meus prantos,  
Depara-me encantos  
Do teu resplendor !

## CONTEMPLAÇÃO

Olha o céu, Julia, que bello !  
Está como eu nunca o vi :  
Tão azul, que eu pasmo ao vel-o,  
Tendo teus olhos aqui !

Apenas além diviso  
Nuvem doirada, não vês ?..  
Repara, que um teu sorriso  
Ainda não a desfez...



Mira estas arvores, olha  
Como se agita o pomar :  
Parece que folha e folha  
Nos estam a cortejar !

Vê como no azul ferrete  
Seu manto a luz estendeu :  
Tão branda, que nem derrete  
A neve do collo teu !

Ouve que zephyro incerto  
Suspira entre verdor :  
Sendo tu aqui tão perto,  
Parece gemer com dor !...

Não ha eccos, por mais suaves,  
Que a voz te eguallem aqui ;  
Mas eu ouço além as aves,  
Depois que a falla te ouvi !

Aquelle outeiro de trigo

Tão verde . . . que lindo está !  
Sendo eu aqui contigo,  
Aprez-me vel-o, olha lá.

E a bonina, a mais singela  
Depois que a olhas é tal,  
Que te confundem com ella  
As mariposas do val.

D'aquelle regato a face  
Parece neve ao luar.  
Como se reverberasse  
O brilho d'um teu olhar!

E o nosso céu . . . ai, que bello !  
Está como eu nunca o vi ;  
Tão azul, que eu pasmo ao vel-o,  
Tendo teus olhos aqui !

Agosto, 1869.

## DELIRIO

Eu quero amar-te mais. Tu és tão linda !  
Tens um modo de olhar tão engraçado . . .  
Eu quero amar-te mais ; se mais é dado  
A quem não pôde amor sondar ainda.

Amar-te mais, sim : quero um céu fortuito  
Aqui n'estes meus braços um momento !..  
Aqui . . . perdôa ! foi deslumbramento ;  
E' que eu amo-te muito, muito, muito !

Quando te miro às vezes, esmeralda,  
Tão êbrio n'um desejo, n'um assombro,  
Calir sonho a teus pés, como n'um hombro  
Te cai desfeito o lirio da grinalda !

Má hora em que te olhei, maldita hora  
Em que vendi meu peito... ai, vida ! vida !  
Eu cuidava que tu eras mais fida...  
Mas basta agora um beijo ! agora ! agora !

Tens a teus pés leão mais que domado...  
Um beijo, um só na mão ! valham-me enganos !  
Mas que é d'um fino meu, d'uns meus vinte annos,  
A ventos d'um delirio agora dado ?..

E vês tu que inda ardores não mutilam  
O meu funesto, lugubre cypreste ?  
Esta saudade, o bem que tu me deste  
Por este amor... que lagrimas se estilam ? !.

Banha teus pés o sangue, que me abriste !  
E tu magoas tanto !—inda á ferida  
Arrancas o punhal... ai, vida ! vida !  
Que não sei, se inda és minha, se partiste !

Má hora em que te olhei, meu bem, má hora  
Em que vendi meu peito ! era um sorriso,  
E, hoje, é meu inferno o chão que piso...  
Mas basta agora um beijo ! agora ! agora !

Abril, 1870.

## DEVANEIO

Assim, vá! mais um sorriso,  
Que eu disfruto o paraizo  
No teu sorrir infantil:  
Vejo um altar a florir-se,  
E n'elle um anjo a sorrir-se,  
Qual tu, fagueiro e gentil!

A cada riso um suspiro  
Junta mais ; eu já respiro  
Das rosas suave olor !  
Eu ouço a voz, que te chama  
E o ecco que lhe diz—ama !—  
N'esses ais de tanto amor !

Outra vez mais ; és tão linda  
A sorrir ! és... és ainda  
Mais grata que um olhar teu...  
Mas... basta, pomba, receio  
Que este louco devaneio  
Me eleve sem ti ao céu !

Julho, 1869.

## DEPOIS D'UM BAILE

(A ANTONIO DE CARVALHO)

Que fomos mai felizes  
Te juro, ah! sim; porém,  
Amigo, que me dizes  
D'aquelles olhos?.. hem?..

São verdes?. não: são pretos?  
Ai, não... castanhos... peor!  
Seus olhos, por inquietos,  
Não deixam ver a cor!

E o ár, a accção tão grave...  
Que gestos tão louções!  
Pareciam vòs d'ave  
Fugida a suas mãos!

A voz não menos branda,  
Que a luz d'um olhar seu,  
D'aquelle olhar que manda  
Subir a gente ao céu !

E aquella trança loira..?  
Cuidaste ao céu trepar  
Por ella... ah ! se ella estoira,  
Onde ias tu parar ? !

Gostei, gostei de ver-te  
N'um tal ardor ; porém  
Não sei o que dizer-te  
D'aquelles olhos, hem?..

Novembro, 1869.



## VISÃO E SONHO

Eu vou contar-te d'um caso,  
Que a sonhar me succedeu.  
Se bem que é máu contar sonhos,  
Escuta sempre este meu :

Fôra eu dár além a um valle,  
• Que o mar chega inda a lamber...  
Tão absorto em pensamentos,  
Que nem vi como fui ter

A tão longe. A gente às vezes  
É como a folha no ár,  
Vai tambem d'alto *pensando*  
E não sabe onde parar.

Emfim, na relva sentado,  
À sombra do laranjal,  
Eu contemplava sózinho  
Aquelle encanto rural.

Quer visão fosse, quer sombra  
D'aquelle val em redor,  
Eu via em tudo, que olhava  
Femco sorriso d'amor!

Via-o na flôr dos outeiros,  
Que junto da praia estão;  
Na sombra das laranjeiras,  
Que balouçava no chão:

Na onda, que pela praia  
Fingia serpe caudal,  
Que a rocha negra trepava,  
Espadanando crystal:

No sol-por, que o occidente

Descêra prestes sem véu ;  
Na terra deixando sombras,  
Deixando rosas no céu ;

Nas aves, que já teciam  
Seus canticos vesperaes ;  
Nas auras, que suspiravam  
Na copa dos salgueiraes ;

No céu, que puro equalava  
Teus meigos olhos na côr ;  
No rubor dos horizontes,  
Que imitava o teu rubor ;

Na lua, que se afoitava  
Atraz do monte oriental,  
Que parecia vir surgindo  
De entre o seio do pinhal,

Porém Morpheu, mal que em volta  
O rural quadro mirei,

Deu-me um ósculo nos olhos,  
Que prestes logo cerrei.

Eu dormia : eis que uma fada  
Vem sentar-se junto a mim...  
Tão gentil... eu nem concebo  
Que as fadas sejam assim !

Toldava-lhe o rosto candido  
Alvo diaphano véu....  
Parecia um anjo, que a nuvem  
Tomou, ao vir-nos do céu !

—Serás tu, pergunto, a Diva  
Dos prados ?— Eu sou quem sou—  
Me responde só, mas prestes,  
Sorrindo-se murmurou :

—Eu sou a gotta, que a aurora  
Lançou no mar :  
Eu sou a penna que a rola

Perdeu no ár.

Sou a perola, que ás praias  
O mar rojou.

Ás praias, onde a buscar-me  
Jámais voltou!

Sou a flôr, que no regato  
Além cahi:

Vim na corrente, e a corrente  
Deixou-me aqui.

Eu sou o lirio, que a noite  
Aqui fechou:

Pela bafagem da aurora  
Chorando estou!

Sou a nota, que da lyra  
Além sahi:

Vim nas azas do favonio  
Morrer aqui.

Eu sou a luz, que em teus olhos  
Se derramou ;  
Cuja flamma teu regaço  
Incendeou.

Sou a virgem, que idolatras  
Do coração :  
Vim procurar-te, e perdi-me  
N'est' amplidão !—

Isto murmura, e do rosto  
Tira o nevado sendal ;  
Abre-me o céu n'um sorriso,  
Que inamorou todo o val !

E eu que fiz ?.. que vi ?.. que disse ?.  
Santo Deus ! morri d'amor,  
Quando vi surgir teu rosto  
De entre seus labios em flor !

Eu que fiz ? ! quiz nos meus braços

Abranger prestes um céu !  
Que vi ? um anjo : que disse ?..  
Amor o diga—sou teu!—

E tu vieste em meus braços  
Desfalecida cair,  
E meus braços apertaram-se...  
Meus braços sem eu sentir !

Mas... ai, de mim, triste acaso  
Mais que um céu me vem roubar :  
Quebrar vejo a tenue fita  
Do teu gemmante collar !

As perolas, que uma a uma  
Da fita cahindo vão,  
Sobre as rosas fingem gottas,  
Que exparge fresca manhã.

Por entre as rugas da terra,  
Por entre a relva do val

Se esconde mais uma perola,  
Se perde mais um coral!

—Eu levanto as per'las todas,  
Murmuro eu,  
Se me dás por cada uma  
Um beijo teu.—

—Sim.—Disseste. N'uma rosa  
Per'la primeira apanhei,  
E agora um beijo, outro logo,  
Quando... ai, de mim, accordei!

Accordei. Uma flôr branca  
Senti cahir-me da mão ;  
E as pétalas niveas, soltas  
Matizam prestes o chão!

E eu não creio em prophecias,  
E eu não creio os sonhos já ;  
Mas os sonhos trazem feitos,



Que nem sei como... vê lá :

Tu eras a rosa branca,  
Que à mão me veio parar,  
E as pétalas niveas, soltas  
As per'las do teu collar!

E accordo enfim. Como a son  
O sonho na luz se esvai.  
Se o sonho durasse a vida,  
A vida durara um ai !..

E tu já ris do meu sonho !  
Eu bem sei que foi sandeu ;  
Mas vê que é máu contar sonho,  
Não vás contar d'este meu.

Julho, 1869.

## FLOR !

Tem por germen teu rosto a gentileza,  
Vizão do sonho meu !  
Em mostra de seu preço a natureza,  
Estrella do meu céu !

Se em prado ou jardim virginea rosa  
Tu colhes, meu amor,  
A ástrea se define de raivosa,  
Com zelos d'essa flor !

A rosa tem ciumes dos aromas,  
Que espalha no rosal,  
Se tu passando alli respiras, tomas  
Aroma, essencia tal !

O sol pára no céu ao ver teu rosto,  
E zelos tem, tambem,  
Da luz, que inda lhe exparge, quando pôsto  
Desmaia e morre além !..

Deixa-me ver-te a fronte, que é tão bella !  
Volta-me um riso, amor !  
Não deu para esconder-se Deus a estrella,  
Nem para a sombra a flor !

Julho, 1869.

## MARIA

Por ti, que nem momento  
Recordas o mendigo ;  
Por ti, que nunca abrigo  
Me dás no pensamento,

Maria, morro... ah ! juro  
Por essas tranças d'ouro !  
Por esse olhar—thesouro  
Do meu amor tão puro!

E olhas-me tu ? não. Basta.  
Arfa por mim teu seio ?  
Recordas-me ? não crêo !  
Ah ! pois o que me arrasta

A ti? Justo é (perdôa)  
Amar minha alma outra alma,  
Não tendo essa alma a calma,  
Não sendo alma tão boa?..

Uma paixão, Maria,  
Às vezes não é nada  
Mais, que, por vós armada,  
Uma feiticaria!

E como? é que a mulher  
Tem não sei quê d'encanto...  
Ai! céus, amo-lhe tanto  
Aquelle dár—e—ter!

Aquella acção divina!  
Aquelle olhar fulgente!  
Luz que, insensivelmente,  
A amar o homem ensina!

Eu cá não lhe rezisto :  
Vi-te uma vez, e logo  
Senti no peito um fogo  
Inmenso !.. Que é pois isto ?

Misterio. E do modo  
Que olhaes... oh ! não se entende !  
—Tanto nos cega e prende,  
Maria, o vosso todo !

A falla, a voz parece  
Que exige amor, e a gente  
Foi já tão indolente,  
Que resistir podesse ?

. . . . .

Dezembro, 1869.

## AO LUAR

Como vens silencioso o ár banhando,  
Luar, doce fanal dos namorados !  
Melancolica luz, enlevo brando  
Dos que vagam na dor desatinados !

Vem, doce noite, vem doirar-me a fronte  
Com essa luz tão fresca, oh ! noite, oh noite !  
Azuladas planuras do horisonte,  
Dai-me um cantinho, aonde a vista acoite !

Eu aborreço o dia, e amo tanto  
A solidão, de estrellas recamada...  
Inamorado o luar, ébrio de encanto  
Por sobre claras agoas da levada.

Como é ditosa a noite ! que de amores  
Não miras tu do alto, lua amiga?..  
Quantos laços, ai, luz ! quantos ardores !  
—Que doces horas que teu manto abriga !

Vem, doce noite! vem, meu devaneio!  
Agora amor no peito me insinua!  
Carpir-te vou meus ais, abre-me o seio,  
Melancolica luz da mansa lua!

E á luz do teu luar quantos segredos  
Amor confessa agora, protegidos  
No teu silencio...? uns tristes, outros ledos,  
Na solidão, quaes meus, outros perdidos!

Eu tambem amo, e tenho uma saudade,  
Que tu despertas, noite grata e bella!  
Deixa-o! lito os céus, a soledade  
É cobertura, e tu contens-me n'ella!

Contens-me, sim... mas ai, bastam lembranças!  
Apaga o teu luar, pallida lua!  
N'esse languido olhar, que á terra lanças,  
Eu vi agora triste a imagem sua!



## UM SO

Pois beijo ao de leve

Que tem ?

Se a face é de neve,

Meu hem ?

Mais outro... um ! não côres...

Dois... tres...

Esmaga estas flores

Da tez !

O céu és sem velas,  
Sem véu !

E eu conto as estrellas  
Do céu !

Tu és este ensejo  
De paz !

Tu és este beijo,  
Que dás !

Vá ! que outro seguro  
Com dois !

E pago-te o juro  
Depois.

Pois, sendo ao de leve,  
Que tem ?..

A face é de neve,  
Meu bem !



Tu és manhã, rosa, e pomba.

JOÃO DE LEMOS.

Como és bella! és como as fadas  
Entre as palmas orientaes!  
Como as frescas madrugadas  
Nos meus fecundos rozaes.

És como por noite escura  
Do raio a luz, o fanal;  
Como a esphera azul e pura  
Da nossa terra natal.

Como a fenda, como o raro  
Do véu, que tolda o luár,  
Que ao passar lhe deixa claro  
Nossos lagos argentar.

És como a fresca Maria,  
A bonina, o cravo aldeão !  
Quando vai á romaria  
De lenço branco na mão !

Como o candido narcizo,  
E o matiz que alva lhe deu ;  
Como a graça d'um teu riso,  
Como a luz d'um olhar teu !

Como o cravo da capella  
Em noites de san'João.  
És como a flor... és mais bella,  
Que a rosa que tens na mão !

És como a arfar o teu seio,  
Pendente d'elle uma flor ;  
És como esta hora de enleio,  
Como este beijo de amor !

## ECCOS

Mas onde me fallas tu?  
Que será isto, Jezu,  
Que o não vejo! Responde:  
Quero n'ir del'outra banda.

*Ecco.* Anda.

BERNARDIM RIBEIRO

'Morreu!' eccoava em montes nus e seccos  
A minha voz. 'Morreu!' e a voz dos eccos

A longo suspirou!..

'Dissipa-te visão, jaz Ermelinda!'

E um ecco duas vezes gemeu — **Linda!**

Mais longe outro disse — **Inda!**

E... ficou!

'Pois inda é bella a flôr, que a mão da morte  
No val da minha sorte  
Cultivou?!

Quem, pois, inda na campa se desvêla?..' **Véla!**  
E um ecco duas vezes gemeu — **Véla!**  
Mais longe outro disse — **Ella!**  
E... ficou!

'Aliza ainda os mädidos cabellos?..  
Na morte seus desvellos  
Quem ousou?!

Ai! se a laços ainda me convida!..' **Vida!**  
E um ecco duas vezes gemeu — **Vida!**  
Mais longe outro disse — **Ida!**  
E... ficou!

'Idos aureos instantes de magia!  
O sol, que me cobria,  
Se apagou!

Dissipa-te visão, jaz Ermetinda !

Duas vezes um ecco gemeu — **Linda !**

Mais longe outro disse -- **Inda !**

E... ficou !

Agosto, 1869.

OPERA

## O RAMO

Ai ! a mão, que o ramo enfeita,  
Qual uma rosa é também !  
E que rainha tão perfeita  
Rosas taes, tal ramo tem !

Se muito, Rosinha, te amo,  
Bonina do meu amor !  
Estimo muito esse ramo,  
Rosa a rosa, flôr a flôr !



O lírio, ai, tão carmineo !  
Ai, o cravo inda em botão !  
O jasmim branco e virgineo,  
Branca a rosa do Japão !

O cravo, ha pouco orvalhado,  
Quiz tua mão oscular :  
Curvou a fronte... coitado !  
Depois do orvalho se escoar !

O lírio, sendo já noite,  
A folha toda estendeu.  
Porque teu hálito o afoite,  
Julga-o aragem do céu !

Ai, de entre as rosas que um pouco  
Ergue a fronte o malmequer !  
Quer que lhe contes, o louco,  
Todas as folhas, ai, quer !

Olha a rosa toda ufana,  
Vê todo ufano o jasmim ;  
Nem quando o zephyro o abana  
Entre os lírios do jardim !

Ai ! a dhalia que desinha,  
Com longes de emulação !  
Aspira a louca ser rainha  
D'um ramo na tua mão !

Até a pobre violeta  
Quer também gala ostentar ;  
Cuida ver a borboleta  
De volta em volta a adejar !

A saudade, ai, que tão triste  
Se occulta sob outra flôr !  
Porque ainda a não sentiste,  
Rosinha, rosa d'amor !

E a flôr mais bella, ai, Rosinha!  
Que muito a amo tambem!  
Dà-me esse ramo, rainha  
Das rosas que o ramo tem!

Dezembro, 1869.

## **ADEUS**

N'este «adeus», onde occulto o ser me levas  
De rasto, flôr !  
Meus olhos vão tambem, que eu fique em trevas,  
Amor, amor !

N'este «adeus», onde escuto «adeus» eterno  
E vejo... ai céus !  
Será justo ver eu em Deus o inferno..?  
Oh Christo ! Oh Deus !

«Faça-se a luz» disseste, e a immensidade  
Tornou-se em luz !

Porisso ella de mim fugir não hade,  
Oh ! Deus ! Oh Cruz !

Se nunca mal disse a rosa  
O nectar que do céu cai,  
Se da lâmpada que a atrai  
Jámais foge a maripoza ;  
Se o fulgor não perde a estrella,  
Se os véus negros da procella  
A estrella doira também ;  
Se ampara norte radiante  
O destino ao caminhante,  
Se o pranto esmalta do infante  
O seio amigo de mãe !

Se as nuvens lentas que assomem  
Dão fenda a tibio clarão ;  
Se a luz doirou a rasão,

Se a rasão doirou o homem ;  
Se toda a ave tem seu ninho,  
Fera bruta seu carinho,  
'Irta palma seu verdor,  
Visão grata o devancio,  
Todo o batel seu enseio,  
Tu foges, deixas-me, seio,  
Sepulchro de tanto amor ? !

Ai ! sim, amor : tu vais descompassando  
Osculos de sentido e louco ardor !  
Teus braços manso e manso vais largando,  
Como calix que deixa secca a flôr !

Mas n'este «adeus» aperta mais teus braços...  
Até que eu diga—basta ! mais não posso !—  
Até que a força d'um affecto nosso  
Mostrar me possas em tão cêgos laços !

Mais um beijo... um abraço mais e... basta !

Não pôde mais um peito ! Adeus, Saudade !..  
Oh ! por piedade, arranca por piedade,  
Este punhal que inda a vibrar se arrasta !

Aquelle tão fugaz, primeiro riso  
Que dos teus aos meus labios adejou,  
Foi não sei se o inferno, se o paraizo  
Sei só que a luz me deu, e m'a roubou !

Como a vide mutilada,  
Chora e punge seus abrolhos,  
Eu heide, luz dos meus olhos,  
Chorar a luz d'esses teus !..

Adeus !

Heide choral-a nos valles,  
Quando se haja o sol já pôsto,  
Se enlevados no teu rosto  
Não forem os olhos meus...

Adeus !

Choral-a vendo as estrellas,  
Choral-a colhendo flôres,  
Choral-a ao ver os rubores,  
Quando á tarde fite os céus...

Adeus !

Olha, não te esqueças,  
Perola do mar !

D'aquellas promessas

Ao luar !

D'aquellas conversas

Tão lindas...

Ai céus !

Que agora são findas...

Adeus !

De quando o céu fitando me dizias

Ouvirem as estrellas

Tuas juras !



Que, pois, se não brotassem d'alma puras,  
Te desmentissem ellas !

Ai ! por piedade, arranca por piedade  
Este punhal que inda a vibrar se arrasta !  
Mais um beijo... um abraço mais e... basta  
Não pôde mais um peito, Adeus Saudade !

Agosto, 1869.

Olhar amortecido,  
Olhar terno e loução ;  
Que tanto me hás prendido,  
Olhar de perdição !

Olhar sereno e bello,  
Amor que se introduz ;  
Olhar, que sempre ao vel-o,  
Me cega e me dá luz !

Olhar... porque heide amar-te,  
Olhar celestial ?  
Olhar sem gesto d'arte,  
Olhar de pomba em val ;

Olhar d'ave que passa,  
Olhar que doma o leão,  
Olhar de tanta graça,  
Olhar de perdição ;

Olhar que estala as cordas  
Da lyra ao trovador...  
Olhar—luz que me acordas  
Em sonhos de furor !

Outubro, 1869.

## ROSAS D'AMOR

Não vás ao jardim, que as rosas  
Travam assidua questão :  
Aspiram todas teus mimos,  
Todas querem tua mão.

Eu gosto, gosto de vel-as,  
Quando regal-as tu vais :  
Como, erguendo altiva a fronte,  
Querem brilhar todas mais!

Mas hontem, hontem de tarde  
Uma d'ellas fez-me dó :  
Para oscular teus vestidos  
Cobriu-se toda de pó!

Foi, uma, cuja vergontea  
É de airosa elevação;  
Que ao ver-te passar, do vaso  
Se debruçou para o chão.

Tu passaste; e o teu vestido  
Depois na rosa tocou;  
E ella, mais erguendo a fronte,  
Toda vaidosa ficou.

Agora as outras com raiva  
Assombram a pobre flôr,  
Que pouco e pouco já cede  
De essencia, viço e frescor!

Eu terei summo cuidado  
Em ir regal-as por ti:  
As rosas ardem em zelos,  
Não voltes mais para allí!

## MANHÃ

Rompe o dia, a noite linda,  
Diz a sineta da cruz.  
Manhã fresca, manhã linda  
Inunda as trevas em luz !  
Goteja prata na relva,  
Chora prata pela selva,  
Alva prata que reluz !

Canta o melro as alvoradas  
No frondente salgueiral,  
Que se espelha nas levadas  
Do ribeiro de chrystal.  
O mocho foge do prado,  
E vai sumir-se calado  
Na ramagem sepulchral.

Alarga o sino na selva  
Novo som, que desprendeu ;  
Dissipa a brisa na relva  
As esmeraldas do céu.  
D'argenteo brilho se alfaia  
A espuma, que pela praia  
Nocturna vaga estendeu.

Manso e manso em luz se banha  
A nocturna escuridão :  
Recorda além a montanha  
Doirado alegre clarão :

As mariposas deliram,  
Os euros brandos suspiram  
Nas folhas murchas do chão.

Como é bella a madrugada !  
Quanto é bella a despontar !  
Que gorgeios na quebrada,  
Que murmurios no pomar !  
Nos prados que aura serena,  
Que matiz na relva amena,  
Que amena relva a brilhar !

Hosanna ! fulgida aurora,  
Dos verdes prados amor !  
Madrugada encantadora,  
Facho loiro e precursor !  
Salve, conforto da terra,  
Que a campina, o valle, a serra  
Animas com teu frescor !



Salve, luz ! a noite finda,  
Diz a sineta da cruz.  
Madrugada, sê bem vinda,  
Que as trevas mudas em luz !  
Que na selva, que no prado  
Choras argento nevado,  
Alva prata que reluz.

Agosto, 1869.

## A TRANÇA

Deixa estar o teu cabelo,

Como está:

Torna teu collo tão bello,

Que... vê lá:

Nem a nuvem no occidente,

Ao sol pôr,

Se adereça tão fulgente,

Meu amor!

Ai, que feitiços, que assombros

Para mim!

Uma trança posta em hombros

De marfim!

Enforca-me n'essa trança,

Minha flôr!

Que me rala, que me cança

Tanto amor!

N'essa trança luzidia,

Onde o sol

Fez n'aurora do teu dia

Arrebol!

Arrebol que sempre brilha,

Lirio meu!

Na jaspea senda que trilha,

No meu céu...

No meu céu — no teu regaço,

Casta flôr !

Ou assim n'esse teu braço,

Meu amor !

N'esse teu braço, que em neve

Se desfaz,

Se um beijo mesmo de leve

Tu lhe dás...

Um teu beijo...ai, que me cauça

Tanto amor !

Enforca-me n'essa trança,

Minha flôr !

Agosto, 1869.

## SEMPRE...

A que a vida me prendeu  
Foi essa trança, oh loirinha!  
Essa, que ora desalinha...

Ai! vida minha,  
Que ardor o teu!

Cuidava trepar ao céu,  
Um dia que a vi pendida!  
E um dia, em meio a subida...

Ai! vida vida,  
Que ardor o teu!

Que espesso que fora o véu!  
Que linda a trança, que flava!  
Eu nem via se a trepava...

Ai! vida escrava,  
Que ardor o teu!

Se ora vivo não sei eu ;  
Sei que a vida me parára,  
Quando em meio um céu ganhára...

Ai ! vida rara,  
Que ardor o teu !

Este ser nem era o meu.  
Esta vida fôra pouca,  
Para beijar-te essa bocca...

Ai ! vida louca,  
Que ardor o teu !..

Preso na trança estou eu,  
E a trança não desalinha.  
Tu suffocas-me, loirinha !

Ai ! vida minha,  
Que ardor o teu !

## CANTO DO ALDEÃO

Eu não amo essas lindezas  
E grandezas  
D'uma villa colossal.  
Com quanto seja uma aldeia,  
Não é feia  
A minha terra natal.

Feliz a vida aqui gozo ;  
Sou ditoso :  
Dá-me o céu graças a fluz :  
Amo aqui tudo que é bello  
E singelo...  
Tudo que encanta e seduz !

Eu amo as tardes amenas,  
Tão serenas,  
Da primavera gentil :  
Eu amo do prado as rosas  
Tão formosas,  
Eu amo as galas d'Abril !

Eu amo os montes purpureos,  
E os murmurios  
Que a briza desfere além.  
Amo os verdes da natura :  
Graça pura  
Que a relva dos campos tem.

Se não disfruto das salas  
Aureas galas,  
Admiro a terra e os céus !  
Ouço o mar, contemplo os montes,  
Rios, fontes,  
E em tudo a imagem de Deus !



Não ; não amo essas lindezas

E grandezas

D'uma villa collossal :

Com quanto seja uma aldeia,

Não é feia

A minha terra natal.

Tem no pomar fruto grado,

Liz do prado,

Roxos lyrios no vergel ;

Nos campos viçosa herva.

Que conserva

Pasto ameno á grei fiel.

Amo o sol, quando desmaia

E alfaia

A nuvem com branda luz :

Amo a perola que esmalta

Por noite alta.

As heras além da cruz.

De noite, quando já tarde,  
Que inda arde  
A fogueira no meu lár,  
Amo as horas socegadas,  
Ali passadas  
N'um fagueiro meditar.

E não amo essas lindezas  
E grandezas  
D'uma villa collossal :  
Com quanto seja uma aldeia,  
Não é feia  
A minha terra natal.

Maio, 1869.



## ANHELO

Quebraste a penna,  
Que respondia?  
Sol do meu dia,  
Astro d'amor?

Não tens já tinta  
Com que me escrevas,  
Luz para as trevas  
Da minha dôr?

Não tens um brado  
Que exhale apenas :  
—Eu tenho penas  
Do teu soffrer—?

Nem voz, nem falla,  
Que accorde—eu vivo—,  
Dia festivo  
Que vi romper ?

Não tens já raio,  
Que me descreva  
Se é luz ou trêva  
O meu penar ?

Não tens já lagrima  
N'esses teus olhos,  
Que meus abrolhos  
Venha esmaltar ?

Folhinha d'hera.

Duas violetas,  
Que me remettas  
Do teu jardim ?

Não tens já rastro,  
Nuvem de graça,  
Que se desfaça  
Por sobre mim ?

Lirio dos campos,  
Não tens já folha,  
Que o vento escolha  
Para me enviar ?

Mar de saudades,  
Não tens ondina,  
Que minha sina  
Venha buscar ?

Não tens delirio ?  
Não tens saudade ?

Não tens metade  
Do meu ardor?..

Quebraste a penna,  
Que respondia ?  
Sol do meu dia,  
Astro d'amor ?

Abril, 1870.

## LUZ D'ALMA

Vês o sol, que tão velado,  
Sendo ha pouco claro e nu ?  
O dia quasi apagado ?..  
Pois nem assim me hão provado  
Ser um o sol, e não tu.

Nunca, ai, nunca ! n'esta vida  
Ha dois soes, e, o principal  
Dos meus, és tu, luz querida !  
Que minha alma tens pendida  
D'um teu raio divinal !

Dois astros são : um luz d'alma,  
Da terra o outro, e do céu :  
Áquelle cedi da palma,  
Porque, ai ! mais, bem mais me dá  
Que esse outro que ora tem véu !

O meu sol és tu: os dias  
Que me outorgas curtos são,  
Para amar-te, qual devias  
Ser amada : tu valias  
Sempre arfante um coração !

Janeiro, 1870.



## PROCELLA

Ralha, ronca o trovão, o raio estala  
A rocha, que rasgando vai a terra ;  
Dos serros rompe som, que rouco aterra,  
Rugindo, a rama rispida se rala.

O mar com rude voz rompante falla,  
Arrombam rugas mil o gelo á serra,  
Rouquenhos e raivosos rusnam—guerra !  
Os eccos que arripiado o perro exhala.

Com raro, estranho jorro o chão rocía  
Róta de veus rorantes... oh ! procella !  
Tambem nos teus rolheiros ha poesia !

Nem só em céu d'anil rutila a estrella ;  
Porque eu nem aqui deixo, oh branda Armia,  
De recordar teu rosto, rosa bella !

## SAUDADE

Porque amar-te me delira,

Seraphim ?

Quando tudo te suspira,

Te ama, emfim ?

Quando as faces te aspiraram

Rosas mil ?

Quando as graças te orvalharam,

Flor d'abril ? !

Quando á briza suave e mansa

Cabe, flor !

Oscular-te a loira trança  
Com ardor ?

Quando a Dea, Venus Flora,  
D'alto céu,  
Em teus olhos se namora,  
Fasto meu ?!

Quando a neve requestára  
Ser marfim,  
Porque d'elle se lavrara  
Collo assim ?!

Quando o argento sente zelos  
Do ouro, flor!  
Porque alfaia teus cabellos  
Sua cor ?

Quando zelos sente a lyra  
Da oração,  
Que á flor dos labios te espira  
Em canção ?

Quando o pomo tem ciumes  
D'aquelle ár,  
Que respiras em perfumes  
No pomar ?

Quando humano até quizera  
Ser o leão,  
Se na grenchha lhe correra  
Tua mão ?

Quando quebra o hirto espinho  
Seu rigor,  
Presentindo teu pésinho  
Sobre a flor ?!

Quando... tudo te suspira,  
Te ama, emfim,  
Porque amar-te me delira,  
Serafim ?

## **A' MARGEM DO CAVADO**

Eis baixo ao valle...eis entro o augusto bosque...  
Que scena encantadora !

**ALFENO CYNTHIO**

Espeho do meu céu, como é suave  
Um ai juntar ao som de tuas agoas !  
Olhar com vista grave

Teus valles, quando o peito ralam mágoas!

Fallar assós, gemer, carpir tormentos

Aos suspirosos ventos,

Aos prados redolentes ;

Vergeis, campos virentes,

De languidas boninas estelliferos,

Que, as curvas serpeantes

De teus crystaes cerúleos e argentiferos,

Descrevem tão galantes!

Que olfato!.. Que fragancia aqui respira

Quem geme, após que o ai na bocca espira!

Paremos aqui, pois, angustias minhas!

Sentemo-nos nas languidas hervinhas.

Aqui chorar é doce, oh meu tormento!

—Saudade! amargo alento

De quem separações, chorando, rala!..

Saudade! o que te embala

No peito ao infeliz? que vens de encanto

Fruir, quando severa, sem disvelos,  
Inundas teus cabellos  
Nas bagas do meu pranto?!

Oh! porque vens, saudade, aqui trazer-me  
D'amor baldada imagem, quadro vão?

Se a sombra da visão

Não pôde ouvir meus ais, não pôde ver-me?

Gemei, gemei commigo,

Oh lymphas que passaes.

Só tu, Cávado amigo,

Acolhes os meus ais!..

Ah! se no som, que, a longe, brando levas,

Um ai tu me prenderas, e o levasses

Até onde avistasses

O facho, que aniquila minhas trevas,

Talvez que a espirar chegasse ainda

Em seus labios de flor rorida e linda!..

Dizei-me, agoas d'argento murmuras,  
Se além a sois beijando  
Agora, como quando,  
Em tardes tão saudosas,  
Commigo ella vagava n'estes valles ;  
Quando eu manso, com timido carinho,  
Da mão fazendo calix,  
Banhava seu pézinho  
No limpido crystal que então manava,  
Em quanto ella, serena,  
A testa e os cabellos me osculava !

Dizei-me se ella folga como d'antes  
À margem doce e amena,  
Às orlas verdejantes  
Do vosso airoso leito !  
Dizei-me se inda amor lhe embala o peito,  
Como quando commigo assós se achava,  
Que amor a desmaiava



Em laços estremeros...

Dizei-me se, sem mim, crystaes saudosos,

Tece ainda grinaldas

De lirios e boninas ;

Sem mim, que ia colher-lhe nas campinas,

Ainda aljofarados de esmeraldas,

Os ramos pretendidos !

Que depois mutilava meus cabellos

Para prisões e elos

De seus florecos tecidos !

Dizei-me se inda á sesta

Descança a face nivea sobre a relva ;

Hora apressada esta

Em que eu de valle em selva

Corria desvairado em busca d'ella...

Quando depois a vinha achar tão bella,

Dormindo somno leve !

Arfante o collo seu de liza neve,

Aonde, ás auras dada,  
Lhe balouçava a trança auri-rosada.

Oh! ditoso de mim! oh, rapida hora,  
Em que eu, de contemplal-a, delirava!  
Chegar-me junto d'ella nunca ousava,  
Se o delirio d'amor nunca me fora!

Que assim tão linda era.

Se aquelle val podera

Boninas germinar de tanta vida,  
Diria que era rosa adormecida  
Pelo néctar que o céu chorado houvera!

Porém nunca tardava que acordasse.

Eu ia lentamente

Beijar-lhe a nivea face,

Compor-lhe a trança linda,

E o collar refulgente,

Beijar, roçar ainda

Meus labios pelos seus, ella espirava  
Do somno languente,  
Que de sonhado amor lhe amor doirava.

E já, qual branca pomba que estendia  
Coberta aza de neve pelo espaço,  
Às brizas outorgando seu regaço,  
A neve no meu hombro derretia  
De seu candido braço !

Revolvendo seus olhos ameigados  
Aos meus, que já bebiam a luz pura,  
O facho da candura !

De assim ambos fitados  
Breve tempo corria :  
—Eu prestes a vencida.

Ah ! prestes a seus labios adejava  
O enlevo de minha alma n'um sorriso,

De cuja graça tanta agora pizo  
Espinhos, que o amor nem ver deixava!

Oh! que céus os de então, que sol de encantos!  
Que luz tão doce e pura!  
Correi agora, meus sentidos prantos,  
Matutinos orvalhos da tristura!

Prestar agora aos céus justa homenagem!  
—Viver! se vida me é viver sem ella!  
Agora, sem o sol da sua imagem,  
Meus olhos que não mais vistes estrella!

E tu, oh sol, n'esses dias  
Porque tão breve passaste?  
Porque no céu não paraste,  
Se então mais loiro fulgias?  
Tu, que, quando nos beijavas,  
De namorado, quebravas  
Os raios da tua luz!

Tu, que, filtrando arvoredos,  
Ouvias nossos segredos...  
Oh! tu, que dias tão ledos  
Nos outorgavas a flux!..

Vai, vai pedir ás praias do occidente  
O tempo, que lá guarda nossas flores!  
E vem c'roar de novo o meigo oriente,  
— Voltemos ás manhãs de teus fulgo!

Não mais te o oriente abriu as portas  
Luzido para mim,  
Depois que no occidente jazem mortas  
Minhas aureas estrellas, que, absortas  
Do tempo, deram fim!

Em balde agora os olhos no céu fito,  
Que não as vejo, eterna sendo a noite!  
Em balde ao bosque e ao val solto meu grito...  
Que nem bosque nem val meu grito acoite?! .

—Porquê?—me diz no seio a ancia turva,

Que a bocca exhala em ais!

Porquê? se a flor do val se tambem curva

A beijos celestiaes?

Que assombre a flor funereo, alto cypreste,

Que a flor tem coração!

A flor adora a lagrima celeste,

O néctar da manhã!

E a mariposa cega, que o destino

C'roou só para a flor,

Vaguêe em torno á lâmpada sem tino,

Sem pouso adeje a amor!

Outubro, 1869.



## **DESLUMBRAMENTO**

À luz dos olhos teus  
Eu vi a vez primeira  
Abrirem-se-me os céus :  
—Eu vi-te feiticeira!

Má luz, porém, concentra  
Um breve olhar...Escuta :  
Vai tu d'um val, e entra  
No fundo d'uma gruta...

Aquelle olhar, de leve  
Que m'ò volveste a mim,  
Foi d'uma luz tão breve,  
Que me assombrou assim!

Turbaram-me teus olhos,  
Nem mais os vi, oh linda!  
Naufrago em mar de escolho  
Por luz os busco ainda!..

Cego, não topa o guia  
Aquelle naufragante;  
Caminha noite e dia  
Tetrico, exausto, errante!



Mas se ora um teu lampejo  
Viesse radiar  
No pranto, que gotejo,  
Fruto d'aquelle olhar,

Talvez que a luz me dera,  
Meu sonho de furor!  
Manhã de primavera,  
Rosa de casto amor!

Julho, 1869.

## ENLEVO

Julia, Julia, volve um pouco  
Teus lindos olhos ! não vês  
Como te miro ?.. estou louco !  
Se o céu tu fôras, talvez  
Que eu houvesse já contado  
Milhões de estrellas !.. mas diz,  
Bonina ! que céu, que aurora  
Te expargiu tanto matiz ?

Foi Deus ? Não. Deus não se excede  
No que faz, mas tu, meu bem,  
Tens essa luz que o sol tem !

Serás de Deus a pupilla ?..  
Talvez. Esse brilho teu  
Será por Deus enviado  
A provar o poder seu !

Esse brilho que em torrentes  
Se derrama sobre ti :  
Hontem bella, hoje mais bella,  
Logo... qual nunca te vi !

Serás tu ethérea rosa  
Lá do celeste jardim...  
Se acaso és, parte, sobe  
Ao céu, que rosas assim

Cá na terra não encontram  
Vaso, que possa reter

Lindezas taes ; que é só vel-as,  
E prestes enlouquecer !

Desse olhar um só volver  
Tem uma tal expressão,  
Que incendea o coração  
Esse olhar quando se fita !

A bocca fresca e bonita  
É como a abrir um botão,  
Que as perolas vai mostrando  
D'aurora, que está raiando.

O pé parece rolando  
Uma folha pelo chão ;  
Ou se já viste saltando  
Junto do lago um saltão,  
Avalia a graça, então,  
Que esse teu pé leva andando !

A mão tão branca, é a mão  
De cera, que a gente, quando  
Tem alguma devoção,  
Expõe no altar venerando.

Breve a cinta. O collo brando:  
Junto d'uma outra maçã!

Mas... ah! que foi? já te cança  
Um cruzar d'olhos sem mal?  
Não vês tu da mansão justa  
Namorar-se a lua mansa  
Nos lagos do nosso val?  
Pois, diz, amor, que te custa?

Por tão pouco tuas faces  
Inunda o casto rubor!  
Tu sorris... ai! quem te excita  
Sorrisos de tanto amor?

Sou eu ?.. eu não, que inda longe  
Vejo o céu, e o céu não é  
Para quem de tão só vel-o  
Perdido e louco se vê :  
—O meu céu és tu, e foges,  
Pois, o céu p'ra mim não é !

Maio, 1869.

## A LUA



Luz tão grata!  
Sol de prata,  
Já tranquillo se retrata  
No meu rio de crystal.  
—Vens acaso, oh luz saudosa,  
De oscular a face em rosa  
Do meu amor?.. entra o val.  
Filtra... filtra este arvoredado...  
Espelha aqui n'esta fonte  
Tua fronte...  
Vem sem medo.

Mais... assim. Falla-me agora  
Se acaso...ai, céus, que a não viste!  
Esse olhar pallido e triste  
    Traz metade  
    Da saudade  
Que me afaga e me devora !

Janeiro, 1870.



Dá-me o thesouro  
Do teu amor,  
Que eu dou-te o ouro  
Do meu valor.

Dou-te hora a hora  
Meu cru viver...  
Ai, nunca : fôra  
Ver-te morrer !

Mas dou-te os dias  
Em que te vir,  
Breves magias  
D'acre porvir.

A luz que chora  
Por sobre mim;  
Gotta d'aurora  
No abrolho em fim!

Dou-te os meus olhos,  
Toma-os, amor!  
Mas... não, que abrolhos  
Só viras, flor!

Dou-te a anciedade  
Do peito meu,  
Dou-te a saudade,  
Anjo do céu!

Meus braços dou-t'os,  
Dou-t'os, mulher !  
Que sempre afoutos  
Te hão-de valer.

Ah ! toma um beijo...  
Fogo, talvez...  
Mas não, que o pejo  
Te banha a tez !

Dou-te o meu fogo,  
Sim, dou-te o ardor  
Em que me afogo  
Por teu amor !

Os meus cabellos,  
Que baços vês...  
Na infancia bellos,  
Loiros talvez !

O sol primeiro  
Dos dias meus :  
Dólo fagueiro  
Que vi nos céus !.

De mais que preste  
Não tenho eu,  
Lirio celeste,  
Anjo do céu !

Novembro, 1869.

## BRADO

Senhor! Senhor! se o teu fanal divino  
É sol de tanta luz,  
Porque não ha doirar o meu destino,  
Oh Pai! Oh Christo! Oh Cruz! ?

Se eu cá tambem nasci no mundo, e existo  
Debaixo do teu sol,  
Se eu sou tambem teu filho, oh Deus! oh Christo!  
Doira-me um arrebol!

Rasga-me essas montanhas surdas, negras,  
E lá no fim, no fim,  
Mostra-me a cruz, oh Pai, que inda me alegras,  
Mostra-me a cruz a mim!

Eu tenho a minha luz quasi apagada,

E tu és pai d'amor !

«A luz, bradaste, faça-se»... Pois brada...

A minha luz, Senhor !

Oh vida, que és um lago, corre agora,

Transpõe os meus ardores,

Por onde um rouxinol ao vir d'aurora

Modilhe seus amores !

Gosto de ouvir á sombra apeteçada

Os hymnos matinaes !

Eu sinto, eu quero amar, oh lago, oh vida,

Expande os teus crystaes !

Brilhe-me, emfim, n'um raio matutino

O sol da immensa luz !

Doire-se a via, emfim, do meu destino

Oh Pai ! Oh Christo ! Oh Cruz !

Junho, 1870.

## TEUS OLHOS

Thereza, teus lindos olhos  
São inconstantes na côr ;  
Mas assim são mais formosos,  
Fallam assim mais d'amor !

Revelar sabem saudades,  
Tristuras sabem dizer ;  
Retratam as minhas magoas,  
Espelham o meu soffrer.

Se por sobre mim a esp'rança  
Vem por momentos pairar,  
Parecem-me côr do prado,  
Teus olhos são verde-mar !

Se visões, sonhos mentidos  
Alegram meu coração,  
Parecem-me quasi negros,  
Teus olhos castanhos são.

Se dolorosa tristura  
Sombrear meu rosto vem,  
Parecem-me côr das trevas,  
Que de inverno as noites têm.

Se vem pungente saudade  
Habitar o peito meu,  
Parecem-me de saphira,  
Parecem-me côr do céu.

Porisso, são mais formosos,  
Fallam assim mais d'amor,  
Thereza, teus lindos olhos  
São inconstantes na côr.



Que tão doirada, filha, a noite d'hontem?  
Não cabiam no céu tantas estrellas!  
Na terra andavas tu—uma d'aquellas  
Doirando o meu amor. E eu disse—côntem

Meus olhos as do ar: qual a mais viva,  
Que em brilho, em luz egualle esta na terra?  
Olhei-te a ti, senão quando me encerra  
Um teu só riso a luz e o céu, oh Diva!

E eu desatinei, sim : eu nem via  
O que era alli...mas, ai! que inda me enleva'  
O céu que era um jardim! E a propria treva  
Á luz do teu olhar desaparecia!

E á mesma luz se desmaiara a lua.  
Nos teus olhos abriam-se-me os céus :  
E dos anjos que via, gemcos teus,  
Ouvi santas canções—era a voz tua!

A luz que me alumia é d'oiro, é flava,  
Depois da noite d'hontem, que era um dia!  
Brilhe-te a ti a luz que me alumia...  
Mas ai, que eu delirei, eu abrazava!

Não me apareças mais, canto de cysne!  
Mas não védes meu sol... ai que tormento!  
Se m'ó toldas, eu vago em desalento!  
Se m'ó descobres, fazes que me eu tisne!

Maio, 1870.

## **SONHO**

**Eu vi-a : estava dormindo,  
D'amor fallando e sorrindo,  
Que eu bem vi :  
Comigo talvez sonhando,  
Talvez sorrindo e fallando  
Para mi.**

Tinha o rosto descansado  
Sobre o candido, nevado  
Collo seu !

E os tão doirados cabellos  
Entregava-os aos disvelos  
De Morpheu !

Seus lindos olhos cerrados  
Eram dois astros toldados...

Ai de mim !

Inda assim vi-os tão bellos,  
Que estava louco de vel-os,  
Inda assim !

Alvos dentes ver deixava  
Quando, sonhando, fallava  
De vagar...

Mas...vou contar: quem dormia  
Era eu: sonhando, vi-a  
A sonhar !

Não sei se mesmo acordada  
De lindeza é tão fadada,  
    Como então !

Nunca vi rosa tão bella  
Entre os lírios da capella  
    Assim, não !

Acordou, quando um desejo  
Se me esvaía n'um beijo,  
    Que lhe dei !

— Tal eu estava sonhando...

Ai, de mim ! eis também quando  
    Acordei !

## **O TEU CRAVO**

Com o cravo que me deste  
Um affecto traspassei,  
E após com elle cravei  
O meu peito, anjo celeste!..

Ai, Leonor!

O cravo tinha veneno ;  
Era um encanto sereno,  
Era amor!

Meu peito filtrando a haste,  
Corrompeu-me o coração :  
Deu-lhe uma estranha paixão,  
Valor que tu lhe insinuaste.

Ai, Leonor !

O cravo tinha veneno ;  
Era um encanto sereno,

Era amor !

Foi talvez um teu sorriso  
Que entre as folhas se escondeu,  
Nas folhas do cravo teu  
Vinha occulto um paraizo...

Ai, Leonor !

O cravo tinha veneno ;  
Era um encanto sereno,

Era amor !

De teus olhos a luz viva  
É dos meus agora a luz,

Farol que só me reluz  
Ao ver na terra uma Diva !..

Ai, Leonor !

O cravo tinha veneno ;  
Era um encanto sereno,  
Era amor !

Eu sei, eu sei que perdido  
Desde então por ti fiquei !  
Se o amor julga por lei,  
Foi mui severo Cupido !

Ai, Leonor !

O cravo tinha veneno ;  
Era um encanto sereno,  
Era amor !

Cupido julgou meu crime,  
E a penna ao chão atirou ;  
Matar-me ao certo mandou



Por este ardor que me opprime !

Ai, Leonor !

O cravo tinha veneno :

Era um encanto sereno,

Era amor !

Agora, quando te vejo,

Perco de todo a razão ;

E sinto meu coração

Embalar-se n'um desejo...

Ai, Leonor !

O cravo tinha veneno ;

Era um encanto sereno,

Era amor !

Agosto, 1869.

## ENLEIO

Não fujas ! dá-me um beijo...

Que tem um beijo ? dóe ?..

Tu còras... que gracejo,

Amor ! isso que foi ?..

Coraste... que vergonha !

Não fujas, olha cá :

Um beijo tem peçonha,

Acaso ?.. Não. Pois já

Que um beijo não venena,  
Para que foges?. Oh!  
Não ha de dar-te pena,  
Não ha de pôr-te dó

O eu morrer de sede  
Ao pé da fonte, não?..  
À fonte nem se pede  
Um beijo : dá-se. Então!

Bem vês que a agoa corre  
P'ra quem tem sede, flor!  
E quem tem sede morre,  
Se ao pé doce frescor

De fonte ou lago avista,  
Onde ir lhe seja mal;  
Porém jámais foi vista  
Coincidencia tal:

Suppõe que eu tenho um lago  
Aqui ao pé de mim :  
Que assolação, que estrago  
Me póde dar emfim

Chegar-me junto d'elle,  
E, n'um momento... zaz :  
Beber ; pois quem me impelle  
Quem, que me diz—não vás.—?

Ninguém : se a agoa é pura,  
E a fonte aqui ao pé,  
É justo que a aridura  
Se extinga, pois não é ?

Porisso, dá-me um beijo !  
Que tem um beijo ? dóe ?..  
Tu córas... que gracejo !  
Amor, isso que foi !

Vá pois ! a tua bocca  
A beijos só nasceu...  
Assim, meu anjo, toca  
Um osculo ! Olha, o céu

Parece que vacilla  
D'amor... por ver, talvez,  
Que em rosas se distilla  
O mundo a nossos pés !

Mais outro !. Gostas ?. Olha :  
O beijo sabe á flor !  
E a tua bocca molha,  
Tua bocca tem frescor...

Parece flor, que a aurora  
Beijou nos campos... ai !  
Não ! flor nunca ella fôra,  
Porque da flor não sai

Um hálito tão brando ;  
Perfume assim tão bom ;  
Nem mesmo a rosa, quando  
Se embala, faz o som

Que tu agora fazes,  
Quando n'um beijo... vês?  
Tão estrellado trazes  
O céu a nossos pés!

Nem mesmo a briza geme  
No monte arido e nú...  
Nem mesmo a flor retreme  
Suspiros como tu...

E assim tão meigamente,  
Olhando já o céu!  
Quando mais fortemente  
Te aperta um laço meu.

Que a flor, se se ha prendido  
Nas hervas, murcha e cai,  
Sem dar um só gemido,  
Sem dar um frouxo ai...

Um beijo mais ! sim, toma  
Neste osculo d'amor,  
A minha vida, aroma  
Que briza leva, flor !

Mais outro ! assim ! Deliro !..  
Conchega os labios teus,  
Que passa um meu suspiro  
Para o teu seio... Adeus !

Podêra mais ternura  
Levar-me á perdição !  
Fonte de beijos pura  
Gelar minha rasão !

Setembro, 1869.

## NO VAL

Açucenas do val, lírios amenos,  
Vós, que, por brandos zephiros serenos,  
Beijos ao meu amor mandaes, mil beijos,  
Um suspiro incluí a meus desejos.

E se com outras flores  
Longe tendes, além vossos amores,  
Dai-me que nivea folha  
Por levar-lhes de vós, em vós escolha.

Agosto, 1870.



## **THEREZA**

Agora vi-te aos raros da janella,  
E disse para mim—Que linda Freira,  
Se professara !—Ai, perola, Deus queira  
Conservar-te na flor que engastas bella !..

Mas tu noiva dos céus... eu tinha zelos  
Da propria ara, que a oração te ouvisse !  
E antes lá pôr quizera meus cabellos,  
Por ser o noivo então, se te lá visse !..

Ah !.. não sabes..? suspendo agora a escripta,  
Porque uma borboleta branca toda  
Anda da minha luz á roda, á roda...  
Perdão... vou apanhal-a : é tão bonita !

Mas que quer dizer isto ? A mariposa  
Traja de noiva, e busca a minha luz !  
Depois poisa-se em mim... Jesus ! Jesus !  
Poisa-se em mim depois... eu não sou rosa !

Junho, 1870.



## PRIMAVERA

Salve, grata Primavera,  
Estação meiga e feliz!  
Que, com teu almo bafejo,  
Vens dar vida ao meu paiz.

Em tudo já resplendece  
O teu manto creador:  
No bosque mudo, na serra,  
No céu, no campo e na flor.

Toda a terra se recama  
De graças, bellezas mil!  
De crystal parece o rio,  
O céu parece d'anil!

Rebenta fulgido lirio  
Entre as rosas terreaes,  
Ora fechando, ora abrindo  
Suas folhas virginaes.

Salta louca a mariposa,  
Osculando rubra flor,  
E seus beijos são mais caros,  
São como beijos d'amor.

Presumpçosa toutinêgra,  
De ramo em ramo a brincar,  
Vem nas agoas do regato  
Sua imagem namorar.

Quando a aurora banha a esphera  
Em seu rúbido fulgor,  
Aljôfar mais crystallino  
Se desliza sobre a flor.

À tarde, quando o sol-posto  
Forma dubios arreboes,  
Pelas varzeas do ribeiro  
Gorgeam mais rouxinoes.

Quando a noite desenrola  
Seu tristonho e negro veu,  
Estrellas com luz mais viva  
Marchetam, bordam o céu.

Que fragrancias, que perfumes  
Traz comsigo a viração!  
Que por lyra toma o ramo  
Para cantar a estação!

Como languida e saudosa  
Chora a fonte do azinhal,  
Entregando a nova briza  
Leves gottas de crystal!

Tudo canta—Primavera!—  
Estação meiga e feliz!  
Que, com seu almo bafejo,  
Vem dar vida ao meu paiz!

Abril, 1869.

## AMOR

Em que meditas tu, languida rosa,

N'essa postura, assim ?

Os olhos porque, tão silenciosa,

Mortaes, cravas em mim ?

Teus olhos... ai ! porque ora os baixas triste,

Ora os fitas no céu ?

Voar já cuidas tu... ah tu sorriste !

Julguei... foi sonho meu...

Foi sonho, foi : perdão ! amor tão louco

Traz sombras, e tão más...

Ai curva, curva a fronte mais um pouco....

Assim... que linda estás !

Um pouco mais; sim, vá! das tranças uma  
Nos hombros ora a dár,  
Ora enlaçando o collo d'alva espuma,  
Mais alva que a do mar.

Que linda! Nunca *Ignes posta em socego*  
Prestára enlevo igual  
Às boninas que cercam do Mondego  
O limpido crystal!..

Curvada a fronte ao chão, que a face córa...  
Mais um geitinho, vá!  
Um ai agora mais, suspiro agora,  
E a mim os olhos já!

Ai! luz, facho que n'alma te insinuas,  
Olhar... celeste olhar!  
Eu n'alma tenho um mar, e tu fluctuas  
Na face d'este már!

Janeiro, 1870.



As letras que escreves,  
Relidas por mim,  
São canticos breves  
D'algum seraphim!

Não é mais suave  
A trova louçã,  
O módulo d'ave,  
Ao vir da manhã!

Em que intimo aneio  
Por ti, ai, por ti!  
Me eccoava no seio  
A carta que li!

Mas... ah! que a saudade  
Tem goso, se é dor!  
Fallou com verdade  
Famoso escriptor!

As linhas, que lança  
A tinta que pões,  
São fios da trança,  
Que aos ventos expões!

Sussurro de penna,  
Que traça tão bem,  
É falla que amena  
Os *eccos* que tem!

A fonte, que escôa  
Torrente caudal,  
Mais grata não sôa  
No centro do val!

Um beijo materno  
Não tem mais amor,  
Não canta mais terno  
Dos lábios á flor!

São canticos breves  
D'algum seraphim  
As letras que escreves,  
Relidas por mim!

Junho, 1870,

## SE CHORAS

Chora a flor, se fresca aurora  
Sobre as pétalas lhe chora  
    Seu crystal ;  
Chora a rôla, se perdido,  
Ouve chorando o par q'rido  
    Pelo val.

Chora o penhasco, se ao cume  
Altiva onda lhe assume  
Seu fervor ;  
A chorar eu só me atrevo,  
Se tu choras, meu enlevo!  
Meu amor !

Chora a serra congelada  
Torrente alva, derramada  
Pelo céu ;  
Eu só choro, se tu choras,  
Fulgor das minhas auroras !  
Anjo meu !

Junho, 1869.

## NO CAMPO

Oh, quanto é grato um passeio  
Entre amenos laranjaes !  
Viração que agora passas,  
Leva comigo meus ais.

Longe, a longe minhas mágoas,  
Onde as nem possa escutar.  
Oh, como é bello ao sol-posto  
Vir pelos campos folgar !

«Quem tem amores suspira»  
Que o diga agora o rião :  
Eu no regaço dos campos  
Darei folga ao coração.

Saudades transpõe o rio  
Co'a folha do salgueiral,  
Suspiros rala-os a fonte,  
Que os meus já ficam no val.

E se a fontinha suspira,  
Que ao val estenda os crystaes.  
Oh, quanto é grato um passeio  
Entre amenos laranjaes !

Rouxinol que venha agora  
Ternos amores cantar ;  
Metta meus ais no seu canto,  
Que eu nem já sei suspirar.

Aqui, na sombra hospedeira  
Ha só verduras e flores.  
Rouxinol que vás cantando,  
Canta tambem meus amores.

Mas o feliz passarinho,  
Do alto ramo onde poisou,  
Deita uma folha á corrente,  
Que os ais tambem lhe levou.

Pois com a folha lá partem  
Da mesma sorte meus ais.  
Oh! quanto é grato um passeio  
Entre amenos salgueiraes!

Agosto, 1870.



## FABULA

O lago azul d'além, deixando o leito,  
Manou junto das fraldas d'um rosal ;  
E á margem que deixou fez antes preito  
Levar-te, Julia minha, em seu crystal.

Espelhando um jasmim gentil, lascivo,  
Eil-o espelhar suppõe o rosto teu :  
Sem reflectir no que reflete, altivo,  
Volteia para o leito que esqueceu.

Montanhas não encontra, turvo mana,  
Saudoso já do valle que o atrai ;  
E louco presumindo a gloria insana,  
Da brenha aos agros chãos dizendo vai :

’ Deixai que eu passe válido,  
Oh chãos da brenha intrepida,  
Que levo a face tepida,  
Que levo o rosto pallido  
Da Julia branda e lépida. ’

E eil-o inunda a relva que tapiza  
De seu languido ninho o floreo val,  
Inchado entra alli ; porém a briza  
Lhe acorda no tremente salgueiral :

’ Que trazes, louco, ai ! louco, que buscavas  
Debaixo do jasmim parado além ?  
Julguei, passando alli, que doudo estavas  
Da flor que te prestava só desdem ! ’

Soffrendo escarneo este, o pobre lago,  
Caindo em si, na sombra a luz notou ;  
Jurando se vingar do encanto vago,  
Da flor que vã imagem lhe prestou.

Mas...qual..? mais tarde após, de vergonhoso,  
Se extingue pouco e pouco á luz do sol ;  
As arvores murcharam-se, saudoso,  
Apenas alli trina um rouxinol.

Findou como eu me findo  
O lago crystallino  
Do val ;  
Em sonhos que me inspiras,  
Visões d'aureas mentiras...  
Qual, tal.

Eu sonho assim contigo,  
Gosando enlevo amigo ;  
Mas vão :

Eu sonho que te beijo...  
Não còres, foi gracejo,  
Perdão! -

Depois no assombro vago  
Diviso, como o lago,  
A luz!

A ti lanço meus braços,  
E acordo, dando abraços  
À cruz!

Então projecto mudo  
Com um beijo vingar tudo...  
Ou...dois ;  
Mas caio vergonhoso  
N'um somno deleitoso,  
Depois.

Findou como eu me findo  
O lago crystallino  
Do val ;  
Em sonhos que me inspiras,  
Visões d'aureas mentiras...  
Qual, tal.

Setembro, 1869.

## ELLA

Era um anjo a donzella  
Que eu amei do coração,  
Que sonhei antes de vel-a,  
Que idolatrei em visão.

Eu vi-a no azul do espaço,  
Eu vi-a no pôr do sol ;  
No florir da primavera,  
No trinar do rouxinol.

Vi-a n'uma e n'outra estrella,  
Vi-a n'uma e n'outra flor,  
Vi-a n'um beijo materno  
E n'um suspiro d'amor.

Vi-a na candida pomba,  
Vi-a nos lirios do val,  
Vi-a nas sombras da tarde,  
Vi-a na luz matinal.

Vi-a na perola nivea  
Que engasta a folha e a flor ;  
Vi-a nas agoas da fonte  
Aos arreboes do sol-pôr.

Vi-a em tudo que ella via  
Com a infantil isenção.  
Era um anjo a donzella  
Que eu amei do coração.

Era uma flor da campina,  
Era uma rosa do val :  
O sceptro da minha terra,  
A c'roa do meu rosal.

Era o zephyro da tarde,  
Era a briza da manhã ;  
A viração do sol-posto,  
A nocturna viração.

Era uma folha aboiada  
No meu rio de crystal,  
Era uma rosa embalada  
No collo do vendaval.



Era o bafô que respiro :  
Norte que a praia me deu,  
O enlevo da minha vida,  
E a vida do peito meu.

Era o beijo que me dava,  
Era a vista que lhe eu puz,  
Era a trova que lhe ouvia :  
Chamma e luz da minha luz.

Não sentisse eu a saudade  
Que agora sinto de então !  
Era um anjo a donzella  
Que eu amei do coração.

Abril, 1869.

## SOMBRAS

Aquelle teu sorriso foi a ave  
Que me trouxe este amor, ave tão linda,  
Sobre as azas da qual eu subo ainda  
Áquelle céu que contemplei tão grave!

Os teus suspiros, filha, que harmonias!  
Que lépidas sonancias! bem fingiam  
Os zephyros subtis, quando ceciam  
Nas tuas tranças loiras, luzidias!

Tua voz era o cantar das andorinhas  
Nos mastros do navio que marêa  
A trazer-nos á patria, ou a serêa  
Que nos perdêra atraz... ai, prisões minhas !

O olhar... nem sei : se teus olhos um dia  
Fitares na agoa, vê que olhar *fitaste* ;  
E dize, meu amor, se não lhe achaste  
Um não-sei-quê de mystica harmonia !

Houvêra de dizer que o céu chovia  
Estrellas que eu bem-disse, e tu contaste  
N'esses beijos d'amor que me guardaste,  
Se tu alli não fôras—que és o dia !

Teus olhos são agora dous brilhantes  
Que nos meus engastou um teu sorriso,  
Firmados já com beijos delirantes.

*Com elles* mais sereno ora diviso :  
Á noite um céu de estrellas rutilantes.  
De dia a ti, e em ti o meu paraizo !

Ai ! amor, que saudades vêm passados  
Aureos momentos breves, mas eternos  
No lembrar d'esses beijos caros, ternos,  
No recordar de instantes tão doirados !

Agora, ao pôr do sol eu firmo o braço  
Sobre um joelho e a fronte n'elle tomo :  
E vou cahindo manso e manso, como  
Se aqui tivera ainda o teu regaço !

Que negra a solidão, quando se adora !  
Que triste amor não é, quando o sol-posto  
Manda em brizas d'amor beijos ao rosto  
Que só então abraza e chora, e chora !

Ah! que inda as mãos te sinto de mansinho  
Correndo o meu cabello desgrenhado!  
Disfruto inda o teu collo delicado  
Junto do meu a arfar de vagarinho!

Eu vejo as tuas tranças inda ondeando  
Ao vento desse amor que a noite dava!  
Eu palpo inda a mais lúbrica e mais flava  
Que em meu pescoço após ia enroscando!

Ouçõ ainda os teus ais amortecidos  
Que suffoquei com beijos cego e louco!  
Inda escõo um suspiro pouco e pouco  
Travez dos labios teus humedecidos!

Inda sorvo os teus beijos! aperto inda  
O teu pulso agitado, e a mão tão branca!  
Inda esta nos meus labios ora estanca  
A confissão d'amor que ia tão linda!

Inda ouço os rouxinoes d'aquelle instante !  
Apanho inda uma flor que então cahia  
Da tua aurea grinalda luzidia,  
Á luz d'aquelle céu pouco distante !.

O céu d'aquella noite inda me brilha.  
Que linda estavas tu ! como serena  
Me osculavas a testa ! eu tenho pena  
De não morrer alli, oh ! minha filha !

Morrer alli : teria por sanctuario  
Os olhos teus, por campa esse regaço  
Que abracei desvairado, e que inda abraço  
No sonho jovial, magico e vário !

E eu vou cahindo manso e manso, como  
Se aqui tivera ainda o teu regaço !  
Agora ao pôr do sol, que firmo um braço  
Sobre o joelho, e o rosto n'elle tomo !

Adeus, meu infantil sonho doirado !  
Adeus, brinco d'amor ! adeus saudade !..  
Meu bem estar... adeus, cara metade  
D'esta alma que hei contigo partilhado !

Aurora do meu dia que amo tanto !  
Beijo que dás ! abraço que inda apertas...  
Não sei onde expandir fontes abertas,  
Leão cego d'amor guarda o teu pranto !

Junho, 1870.

Arquiva bem na memoria  
Esta adivinha, e define-a :  
—Eu sou *Paulo* e tu *Virginea*  
Daquelle tão lida historia...



Eu sou *Paulo* em coração !  
Tu és *Virginea*, serás ;  
Mas, olha, o pobre rapaz  
Bem mais que ella amava então !

Ouvisses tu como eu digo  
« Amo-te muito » assim, quando  
Vou teus passos continuando,  
Feito servo de mendigo !

Que se ouvisses, se escutasses  
Então, dos meus um só ai,  
Que aos labios só se me esvai,  
Quando o pranto é já nas faces,

Tu... (perdão!)—Estou a ver-te  
No delirio d'um carinho,  
Correndo as mãos de mansinho  
Pelo meu cabello inerte !

Tinhas dó de certo : és anjo !  
És mulher—vergonha... lirio !  
Nem és tu p'ra só martirio,  
Cruz santa que ávido abranjo !

A cruz d'amor é pesada,  
Mas tem seus braços abertos:  
A palmeira dos desertos  
Dá tambem sombra á levada !

Março, 1870.

## A ROSA

No mato  
Ha rosas  
Sem trato,  
Mimosas :  
De mais linda côr  
Que os niveos jasmins,  
Que o lirio, que a flor  
Dos nossos jardins.

No céu,  
Estrella  
Sem véu,  
Mais bella:

De luz mais suave,  
Mais grato fanal,  
Mais doce, mais grave  
Que a luz matinal.

Por mim  
O eri:  
Não vim  
Aqui,

No valle, colher  
Veludos, alfaias:  
A rosa é mulher:  
Mas, flor, não tem saias.

Eu gosto  
De vir,

Sol-posto,

Cahir

No brando consolo,

Na sombra feliz,

No languido collo,

Do molle tapiz.

Porquê ?..

Bem claro

Se vê

Que é raro,

Sol-posto no val,

Faltar a ceifeira,

Vermelho o avental,

Pendente a algibeira.

Eu amo

A flor

No ramo

D'amor.

Morena ceifeira  
Seduz na romagem,  
Co'a leve roupagem  
Que tem domingueira.

Ninguem  
Viu inda  
Cecém  
Tão linda  
Na flórida vela,  
Ao vir da manhã :  
A dhalia é louçã,  
Mas nunca tão bella !

Que o mato  
Tem rosas  
Sem trato,  
Mimosas :  
De mais linda còr

Que os niveos jasmins,  
Que o lirio, que a flor,  
Dos nossos jardins.

Agosto, 1870.

## LAMENTO

Esse ouro, que se escôa  
Em perolas d'aljofre,  
D'um peito vem que soffre,  
D'uma alma vem que é bôa !

Tu sentes a saudade,  
Eu mais—sinto o remorso !  
E o fogo em que me estorço...  
—A tua lealdade !



Es anjo ! és : occultas  
O pranto que te alvorá...  
Ai.—lagrimas d'aurora  
Em flor nunca sepultas !

Aréola de graça  
Que, em céus de puro azul  
Do norte para o sul  
Passou, nunca mais passa !

Mulher ! mulher ! expande  
Por alto os olhos teus !  
São grandes estes céus...  
E... Deus também é grande !

Janeiro, 1870.

## ALVA

Oh! graças, que lá vem tingindo a esphera  
O rorido fulgor da linda aurora!  
As lagrimas do céu, luzindo agora  
Por sobre o manto em flor da primavera,  
Lembram-me as perlas no virgineo seio  
Da minha amada, quando,  
Os ais lhe suffocando  
Em cego, avido enleio,

Lhe parto o fio do collar gemmante.

Oh! como vem radiante

Hoje de Phebo a precursora bella!

Já do nativo dia

Amortecida estrella

Dá parte ao mundo e ás aves.

Agora d'estas os requebros suaves,

Os gorgeios da candida harmonia

Se partem dos outeiros;

A luz retorna aos valles

O aspecto d'alma Flora;

De novo abre seu calix

O lyrio dos canteiros,

E os ramos, onde o céu, sorrindo, chora,

Por tépido favonio balouçados,

Parecem cortejar a nova aurora,

E como é bello contemplar verdores !  
E como é doce respirar perfumes  
    Nos verdes campos, onde  
Os balsamos d'aurora, quaes os lumes  
    Que o céu agora esconde,  
Emperlam ramos, adereçam flores !  
Mais grato aqui suspira fresco rio  
    Uns languidos amores ;  
    A fonte, derramando  
    Treme-luzente fio,  
    Soluça mais saudosa ;  
    E o euro, que mais brando  
    Adeja em torno á rosa,  
Mais tardo rouba folha que mistura  
As lagrimas do céu com as que eu choro.

E eu choro de prazer, e porque gosto  
De juntar um suspiro ao som canoro,  
Aos canticos da lépida candura !

. . . . .  
. . . . .  
Campo aqui deixo. Á margem o recosto  
D'alcantilado monte vou subindo...

Por entre pinheiraes, oh! como é lindo  
O matinal passeio!

Eis novo mundo... eis pródiga planura!

Já vejo augusto bosque, abrigo e seio

Ás aves mestas, aos nocturnos mochos,

Que, em quanto leda folga mariposa

De em torno a lírios roxos,

Vergonhosos se embrenham na espessura.

O valle agora... e preste a sarça escura

Transpondo vou a custo.

Mais eis que aspecto augusto

Me aqui detem—Do monte enxergo a crista!

Agora estendo a vista,

E novo mundo abranjo;

O espirito é um anjo  
Que os céus d'aqui investe ;  
A abobada celeste  
Supponho, cuido perto...  
Que lucido o oriente a descoberto  
Pintando vem a Flora !

---

Tu filtras a janella  
Dô meu amor agora,  
Oh luz da fresca aurora  
Que vens tão clara e bella !  
Mas...ah! se ella sonha,  
Não vás acordal-a,  
Aurora risonha  
Que lhe entras a sala !  
Não vás suspendel-a !  
Deixar, se nos falta  
A vista alma d'ella,

O olhar com que esmalta  
O valle de flores;  
As púdicas cores,  
O riso d'olores,  
Aonde amor salta,  
E folga d'amor!  
O pé lindo e leve,  
Que a sarça domara;  
O collo de neve,  
Que em joias ganhara  
Teu aureo esplendor!

Abril, 1870.

## **OLHAR**

Cada vez que a luz da aurora  
Me abre clara um olhar teu,  
Parece rasgar-se um véu  
Que a toldar teu rosto fôra!



Olhaste : eu mal quiz olhar-te :  
Quem um olhar te conquista  
Nem aos pés de Bonaparte  
Deve render sua vista.

Já no peito me não cabes  
Com a gloria que senti !  
Mal te vi, mas tu bem sabes  
De que maneira te eu vi !

Se meus olhos não deliram,  
N'aquelle breve olhar meu,  
Ou na terra um anjo viram,  
Ou foram vistos no céu !

Doce olhar d'olhos maternos  
Não põe no filho mais luz.  
Foram, sim breves, mas ternos  
Os olhos que alli te eu puz !

## SONETO

São perolas teus dentes crystallinas  
D'aurora que em teu riso me fluctua.  
Desencerrando o altar da imagem tua,  
São teus labios d'amor niveas cortinas.

Tu és o claro albor da mansa lua  
Nas brancas, subtis nuvens alvas, finas :  
O pôr do sol nas cérulas campinas  
Tem raios d'esse olhar, que se insinua.

Porém, mal poisas frouxa vista linda :  
Eu, que ia ao céu, deti-me no paraizo,  
Vendo que alva, a doirar-se, prestes finda.

Se me não val agora um teu sorriso,  
Vida suspensa lá me fica ainda,  
Infausta, que de lá te não diviso !

Setembro, 1870.



## ADEUS

Adeus ! O pranto, que este adeus traspassa,  
Cerca-o de graças, de sorrisos teus ;  
Que o sol por vezes tambem brilha, passa  
Travez da nevoa, que me empana os céus.

Orvalho eu fosse de luzido albor,  
Fosse eu aragem, borboleta eu fosse;  
Que um beijo, um beijo, ainda um beijo doce  
Sorvera a furto no jardim á flor.

Mas, sendo eu treva que no val afunda,  
Pavida sombra que no chão fluctuo,  
Á luz saudosa, que do céu me inunda,  
Timido fujo, quando a luz és tu !

Tu, a quem amo, qual se adora a cruz,  
De quem desvio cego amor, qual fera,  
Por quem a vida toda esta alma dera,  
Se a vida minha tu não fôras, luz !

O pranto agora, que este adeus traspassa,  
Cerca-o de graças, de sorrisos teus ;  
Que o sol por vezes tambem brilha, passa  
Travez da nevoa, que me empana os céus.

Março, 29.

## SUSPIRO

Li com immensa dor  
A tua carta, e... olha :  
A folha é d'uma flor,  
Se é d'alma aquella folha.

Celeste choro teu  
Lhe resvalou ainda—  
Cahiu tambem do céu  
A tua carta... linda !

Oh nuvem branca chora !  
Prantêa, nuvem branca !  
Se em mim a negra estanca  
Os balsamos d'aurora !

(Meu goso e dor) se a aragem  
Inda encrespar não veio  
Um lago no meu seio,  
Que, assim, te espelha a imagem...

Mas olha, oh nuvem, olha  
Que o lago agita amor !  
—Folha, que cai—de flor,  
Se é d'alma aquella folha.

Dezembro, 1870.

## RECORDAÇÃO

Na face dois! Meu peito  
Anceia por beijar-te.  
Mais um, mais outro! Aceito  
Volta de tudo, sim ;



Pódes voltar-me a mim  
Dois beijos, que, por dar-te,  
Eu déra a vida emfim,  
Que nunca se me aparte.

Ai, nunca! nunca! Quando  
Na terra é vida o céu,  
Vale um teu riso brando  
Cada hora, que bateu...

Se tu souberas bem  
Do meu amor... Escuta  
Meu peito agora. A luta,  
Que em mim se dá, retém

Um não-sei-quê de inferno,  
D'assolação... Jesus!  
—O fogo que produz  
Inda um teu riso terno!

Ai ! bem recordo ainda  
Aquella doce tarde,  
Aquella noite linda,  
Em que te ouvi. Meu Deus !

Tão fulgido nos céus  
O sol, que ora mal arde,  
Brilhára n'esse dia !  
E a noite... que harmonia !

No céu tantas estrellas  
Nem já cabiam, flor !  
Desparecida entre ellas,  
Vieras tu d'amor

Folgar na terra. As bellas  
Choravam tua falta  
Nos céus ; porém mais alta  
Fulgira a lua prestes :

Nas regiões celestes  
Mais um logar se abrira  
De nitida saphira,  
Para... tornar-me só!

Só, n'este duro chão!  
Só, n'esta praia triste;  
Que logo me fugiste  
Sem compaixão, sem dó!

E d'essa vez, então,  
Foi que eu senti no peito  
Primeiro atroz effeito  
D'uma voraz paixão.

Sob o teu pé, ai! linda,  
Meu coração pulára!  
No lôdo aqui saltára,  
E tu... calcaste-o inda!

Fugiras, como pomba  
Fugida a teu regaço,  
Volvendo inda do espaço  
Sorriso de quem zomba!

Como do morto filho  
A lagrima final  
Resvala inda com brilho  
No seio maternal,

Assim, casta esmeralda,  
Aquelle brando riso,  
Que fôra um paraíso,  
Meu peito ainda escalda!

Agora até, por fim,  
De ti bem junto... Escuta  
Meu coração: a luta  
Jámais cessára em mim!

Jámais ; porque te adoro  
Com muito ardor ; jámais.  
Choro !—detem meus ais,  
Guarda meu pranto—choro !

15 de Dezembro, 1870.

## RECEIO

Do teu amor no lago eis-me cahido :  
Como folhinha a ventos, me transpuz :  
Insecto em forno á luz, da luz perdido,  
Que não presente fogo, e vê só luz.

Eu vagava na margem, eu brincava ;  
Colhia aqui bonina, alli, mais flor ;  
Atirava pedrinha, que ondeava  
O candido crystal do teu amor.

E não sabia, filha, não sabia  
Que a pedra em si tem fogo, oculto em si:  
Ebrio folguei d'amor, folguei, e, um dia,  
Suffocado d'amor quasi me vi.

Quiz vagar n'um barquinho, era na beira  
Do lago azul—regato ou mar—não sei:  
E, um dia, aura do sul menos fagueira  
Me fez vagar a largo—e eu vaguei.

Vaguei—o barco arromba, e vai ao fundo;  
Eu, mal que sei nadar, mil forças jogo...  
E tremo agora, tremo, se me inundo...  
Oh! dá-me tu a mão, senão me afogo!

Abril, 1870.

— 181 —

## DEDICAÇÃO

Aragem leve, que uma vez passaste,  
Bem que vás longe do saudoso val,  
Vê que inda um ramo, balouçando n'aste,  
Lagrimas chora d'alvorar fatal.

À luz d'estrellas, quando a vez primeira  
Te ouvi fagueira a namorada voz,  
Sonhei que um dia mansa noite fôra,  
E é noite agora lento dia atroz!



Pomba innocente, bem te lembro ainda !  
Qual fui, que disse nem recorde ai, não :  
Pequei... perdôa-me ! eras já tão linda...  
E eu tinha um peito, meu amor, perdão.

Perdão ! Os braços inda a ti, meu anjo,  
Vão ; mas abranjo, quando os fecho, a cruz...  
Ai ! basta um raio d'esse olhar agora,  
Facho d'aurora, namorada luz !.

Gesto suave de mulher, és tudo !  
Pyra mortal de condemnado leão !  
Calado fallas, e sentir não mudo  
Tem não fallar-te por atroz condão !

Ai, loira estrella, delicada filha  
Do sol primeiro, a cuja luz te vi,  
Recorda ainda que essa luz me brilha  
Por ti, meu sonho, meu amor, por ti !

Por ti, cadaver quando o peito arrasto,  
Meu sangue é fasto de paixão voraz.  
Oh ! não esqueças uma vez que te amo,  
Celeste ramo, que inda um anjo traz!

Viceja, lirio, que fulgente perola  
Nivea te engasta puro céu azul.  
Tu és o ramo da campina cérola,  
E a briza morna de formoso sul.

E sendo apenas que uma vez passaste,  
Bem que vás longe do saudoso val,  
Vê que inda um ramo, balouçando n'aste,  
Lagrimas chora d'alvorar fatal.

Novembro, 1870.

## ROSAS

Rosa ao scio... que perfeita !

Não sei, Jesus ! qual enfeita

O meu amor.

Ha cada qual uma rosa,

Cada qual os mimos gosa

De sua flor.

Em risonha primavera,

Donairosa borboleta

N'este jardim,

Que faria, se é discreta ?

Qual para amor escolhêra ?

Qual, para mim ?..

Qual...não sei ; mas ella sabe  
Que outra rosa, se bem cabe  
    No vaso seu,  
Não pode, não, tão perfeito  
Caber outro amor no peito  
    Saudoso meu.

Larga, porisso, do collo  
Aquella rosa, menina  
    D'outro rosal:  
Que nem dar podem consolo  
Os mimos d'uma bonina,  
    Sendo rival.

É vel-a agora, que a fita  
Do ramo parte, e mansinho  
    Pende uma flor !  
Teme espinho a mais bonita,  
Que não teve nunca espinho  
    O meu amor.

Minha estrella,  
Norte meu ;  
Namorada,  
Donairoza  
Flor do céu !  
Toda ella  
Que engraçada !  
Que formosa !

Tem um modo  
N'aquelle ár,  
Uma graça,  
Que é de branda  
Singular :  
No seu todo,  
Quando passa,  
Quando anda.

Menos brilha  
Doce alvor,  
Que um seu riso,  
Todo enleio,  
Todo amor :  
—Maravilha,  
Paraiso,  
Devaneio.

Que firmeza  
No olhar !  
Que luz pura  
Desafia  
Para amar !  
Que lindeza !  
Que magia !  
Que brandura !

A tão breve,

Casta mão

Bem fizera

Milagrosa

Notação :

—Mão de cêra,

Côr de neve,

Côr de rosa.

O cabelo

D'entre o véu,

—Nuvem d'oiro

Refulgindo

Pelo céu,

Como é bello!

Como é lindo!

Como é loiro!

Breve, estreito  
Sendo o pé,  
Mal de fito  
Passageiro  
Se lhe vê.  
Que bem feito !  
Que bonito !  
Que ligeiro !

Assim é. Vêde que passa  
De luz brilhante  
Aquella rosa bonita,  
Aquella magica fada.

Se não é partir a fita,  
N'um ramo de tanta graça  
Qual seria a minha amada,  
A minha amante ?



## PAIXÃO

Ai! não te vás! ouve meu peito—anceio!  
Detem meus ais—suspiro... ai! não te vás!  
Levas-me a vida em ti, sonho d'enleio!

Anjo de paz!

No mar em fragil barca nauta eu fôra;  
Se o norte fosses tu; lyrio seria,  
Se tu fôras suave, ameno dia,  
Tepida aurora;

Que te amo... justos céus! moras-me n'alma,  
Do meu amor no throno reclinada ;  
Reges meu peito, seductora fada !  
Nitida palma !

O cego eu fôra, quando a luz tu fosses ;  
Se tu fôras meu peito, eu, a saudade,  
Que n'elle aguarda, se te vás, deidade,  
Lagrimas doces.

Mas eu sou, meu enlevo, quem mais te ama,  
Que o cego a luz perdida, o lyrio o dia ;  
Nem mais adora o nauta de seu guia  
Rubida chamma.

Não fujas, pois ! ouve meu peito—anceio !  
Detem mais ais—suspiro...ai ! não te vás !  
Levas-me a vida em ti, sonho d'enleio !  
Anjo de paz !

15 de Dezembro, 1870.



biblioteca  
municipal  
barcelos



3832

Sombria do valle